XVI ANNO GUIMARÃES, 15 DE AGOSTO DE 1894 NUMERO 16

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo comprehendam...»
AD PHILIP, 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quæ sunt priora extendens meipsum ad destinatum persequor, ad bravium triumphi Ecclesiæ... in Christo Jesu.»
AD PHILIP, 13, 14.

Summario: *O milagre de Lourdes e a critica de Emilio Zola.* — **Secção religiosa:** *A grande peregrinação á Penha; O joven Martyr,* por José Maria Rodrigues Valente; *Congresso!* por D. Antonio de Almeida. — **Secção scientifica:** *O Diabo e as suas obras,* pelo Dr. D. Salvador Casañas y Pagés. — **Secção critica:** *Pela imprensa,* por Um leitor de gazetas; *Voltarão os frades?* por Um catholico. — **Secção historica:** *Galeria dos homens notaveis da Companhia de Jesus,* pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — **Secção litteraria:** *Ao «Mensageiro do Coração de Jesus»,* por C. S.; *O pensamento, a palavra e a imprensa,* pelo Padre Abel Freitas. — **Retrospecto,** por *R.*

Gravuras: *Uma missa campal.* — *Lucta de gladiadores.*

O milagre de Lourdes e a critica de Emilio Zola

(Continuado do n.º antecedente)

III

O ILLUSTRE dr. Boissarie, presidente da clinica e estação medica de Lourdes, discorrendo, no passado anno, em uma reunião da Sociedade Geral dos Estudantes de Louvain, sobre os factos, que todos os dias lhe passam pelas mãos, tocou algumas particularidades do que em Lourdes Zola havia visto, ouvido e dito a elle pessoalmente, e que referiu n'estas palavras:

«No anno passado (1892) a menina Amalia Chaignon veio a Lourdes. Soffria de uma chaga suppurante no calcanhar; a fistula penetrava até ao osso, e o joelho estava affectado de uma tuberculose das mais manifestas. Os medicos de Poitiers trataram-n'a pelos meios ordinarios sem resultado.

«Vai a Lourdes, e, antes que a paciente seja mettida na piscina da agua da Gruta, é verificado o seu estado deploravel. É immergida uma primeira vez n'aquella agua: nada. É immergida uma segunda vez e de repente acha-se curada! Nada de fistula; a soldadura fez-se regularmente; sanação completa; a nodosidade do joelho desapparecida. Já póde calçar o seu sapato, o que lhe era impossivel havia seis annos, e partiu de Lourdes de perfeita saude.

«Vejo o snr. Zola; apresente-lhe o caso da menina Chaignon e elle exclama: — Mas então mostraes-me um milagre!

«Corrigindo-se, porém, na sua qualidade de sceptico, replica: — Queria vêr aqui os nossos sabios mestres.

«— Pois venham, respondo-lhe.

«— E depois teria querido vêr antes;

UMA MISSA CAMPAL

cumpriria ter as photographias; seria bom expôl-as em uma sala antes e depois do vosso milagre; conviria talvez nomear uma commissão mixta, porque vós não gozaes da minha confiança. Quereria que a camara, o guarda campestre...

«Em summa, o snr. Zola busca um monte de cautelas, qual d'ellas mais ridicula, antes da authenticação do facto milagroso.

«Zola viu realisarem-se dois d'estes factos á sua vista.

«Maria de Lemarchand, atacada de escrophula maligna, dita *lupus*, na cara, com chaga e inflammação, vê desapparecer a chaga e a inflammação; através de uma epiderme subtil e vermelha, quasi se percebe a circulação do sangue na sua rede capillar. Mostro-a antes da cura ao snr. Zola. Quereis saber o que elle me disse?

«—É horrivel!

«Mas eis um outro caso: Maria Lebranche, tisica de *bacillos*, reconhecida por tal no *Hotel-Dieu*, de Paris, é radicalmente curada. Mora em Paris no mesmo bairro de Zola. Tomai o seu nome e a sua morada, disse-lhe eu. Informai-vos; revêde-a; é-vos facil.

«Zola tomou as notas, mas não se lembrou mais d'esta enferma!...» [1]

Carece-se de mais provas da lealdade critica do romancista?

IV

Mas a impericia sobre o assumpto, que presumiu tratar, augmenta a leviandade do seu romance. Elle, o porta-bandeira vanglorioso do modernismo, mostra-se atrazado vinte annos ao menos. Passou o tempo dos Littré e dos Renan, quando á narrativa das maravilhas de Lourdes se abanava a cabeça com ar compassivo e se dizia: — Ou enganados ou enganadores! — Passou tambem o tempo, em que, sobre o mesmo proposito, o Wirchow de Berlim repetia: — Ou impostura ou milagre! — Porquanto, sendo para elle impossivel o milagre, restava-lhe firme a outra parte do dilemma. Passou tambem o tempo em que o dr. Lala de Rhodes era escarnecido por todas as folhas medicas de França, por ter escripto um attestado de cura prodigiosa obtida na Gruta de Massabielle!

Desde então tem-se caminhado muito. A evidencia e incessante continuidade dos casos de Lourdes têm illuminado as intelligencias e induzido os incredulos mais prudentes a mudar de linguagem. Ora, já mais de *trezentos medicos* das varias faculdades de França, de Mans, Lille, Marselha, Poitiers, Laval, Aix, Besançon, Leon, e outras, têm reconhecido e confessado, não sómente a real certeza das curas, senão tambem o seu caracter, physicamente inexplicavel. Entre os mesmos incredulos atheus, ou materialistas, já se não disputa se em Lourdes haja enganados ou enganadores; a duvida a este respeito acabou: sómente se discute se estas curas, tão novas como estupendas, serão ou não serão explicaveis naturalmente pela sciencia. «Os factos subsistem, escreveu o materialista, dr. Bernheim, da escóla de Nancy; homens honrados colleccionaram-lhes as observações; a controversia restringe-se ao modo de poderem entender-se pessoas igualmente instruidas e sensatas» [1]. Nem differentemente arrazoou o celebre Charcot, director do grande hospital da Salpetrière de Paris, conquistado, tambem elle, pela realidade dos factos, que, antes de morrer, aceitou, os quaes foram attestados.

Que agora surja o romancista Emilio Zola a gritar em face de tantos e taes sabios: — Vós sois um troço de desmiolados, caçoados por um bando de charlatães: todos os casos mirificos de Lourdes, desde as apparições da Virgem a Bernardette, em 1858, até á ultima cura, realisada na presença de dez ou vinte medicos, são imposturas de allucinados e de enganadores — isto é um cumulo de insolencia, de parvoice, que se não sabe se excite mais a indignação, se a piedade. Emilio Zola assemelha-se n'isto aos *canta historias*, que intentassem persuadir hoje o vulgo de sómente existirem as regiões dos antipodas no cerebro dos illudidos.

Como replicar-lhe para o confundir? Com um simples — ide e vêde! E tal foi e é sempre a replica, que se dá aos insipientes negadores do sobrenatural de Lourdes. Desde que a 11 de fevereiro de 1858, lá se começou a revelar a Virgem Immaculada, o *Siècle*, a *Presse*, o *Journal des Debats* e um cento d'outras gazetas, vasaram, em suas paginas, quantos escarneos pôde inventar a incredulidade contra o prodigio, escarnecendo o principio, desfigurando os factos, motejando sempre, como usa hoje Emilio Zola.

A tão infernaes clamores parecia deverem succumbir, entre as mais sonoras gargalhadas, as manifestações de Lourdes. As auctoridades civis colligaram-se com os blasphemadores da imprensa, da cadeira e da taberna. O ministro Roland escrevia ao prefeito de Tarbes: «Cumpre acabar, a todo o custo, com os milagres de Lourdes». Pois bem; hoje, decorridos trinta e seis annos, em que ponto se acha a verdade dos milagres de Lourdes, constantemente defendida com a unica razão do — ide e vêde? — A isto: — que esse grandissimo numero de descrentes, tendo ido com effeito e tendo visto, poderam de lá escrever, ou poderam exclamar: — *Veni, vidi, credidi.* (Vim, vi, cri).

V

Zola, que presume saber tantas coisas ácerca de Lourdes, não póde ignorar a força d'esta razão, repto o mais nobre lançado contra descrentes. Certo, que elle não ignora como ella foi intendida e aceita por um escriptor de bello engenho e de optimo coração, entre os mais cultos e valentes, de que se gabe a França, Henrique Lasserre. Tambem elle recusava fé aos milagres de Lourdes. Mas, a pedido de um protestante, sem lá ir, tentou em si a prova da agua da Gruta de Massabielle. Ao contacto d'ella recuperou de repente a vista, irremediavelmente perdida. E tal foi o seu reconhecimento á Virgem, por tão insigne favor, que se poz immediatamente a compôr a historia mais completa, de quantas fossem escriptas ácerca d'aquelle santuario.

«Não me contentei, dizia elle no seu prefacio, com documentos authenticos, nem cartas, nem processos, nem testemunhos de papel: quiz, quanto me foi possivel, conhecer e vêr tudo, fazer reviver tudo á minha vista, com as memorias e com as palavras dos que haviam visto. Emprehendi longas viagens por França, para interrogar todos os que tiveram parte nos factos, que devo narrar. Approuve-me expôr tudo em vida das testemunhas, apresentando-lhes os nomes e as residencias, afim de poderem ser procuradas e com ellas se poderem reconstruir as inquirições, que eu mesmo fiz, para verificação dos factos. Quiz que cada um dos leitores podesse examinar directamente as minhas asserções, reconhecendo a verdade, se veridicas, desmascarando-me, se mentirosas».

O volume de Lasserre espalhou-se rapidamente por França, pelo resto da Europa e pela America; foi reeditado noventa vezes e traduzido em vinte e duas linguas; reimprime-se ainda hoje, e segue pelas mãos de milhares e milhares de pessoas, ajudou e ajuda incomparavelmente a augmentar a fé e a piedade para com a Immaculada Mãe de Deus... entretanto? Entretanto, ainda se está á espera que das fileiras dos incredulos sáia um, um só campeão a darlhe um provado desmentido. E, comtudo, o livro foi publicado ha já vinte e quatro annos!...

Em apoio de Lasserre veio o snr. Artus de Alençon. Convencido da cura prodigiosa de uma sua sobrinha, por mercê da Virgem de Lourdes, a 23 de julho de 1871, no *Univers* de Paris, reptou os incredulos a demonstrar a falsidade de ao menos dois milagres, narrados

[1] *Annaes de Nossa Senhora de Lourdes*, 30 de março de 1894, pag. 320-321.

[1] *Annaes citados*, 31 de maio de 1892, pag. 34.

na *Historia* de Lasserre. E fez mais: promettia o premio de 10:000 francos (1:800$000 reis) ou de quanto mais se quizesse a quem fizesse a victoriosa demonstração. Apresentou-se um livre-pensador, mas, vendo-se em camisa de onze varas, retirou-se ignominiosamente. Artus renovou o repto e depositou 15:000 francos no tabellião Torquet; esperou mezes e mezes; era convidativa a quantia (2:700$000 reis). Pois nem um só adversario tratou de a ganhar. Passado muito tempo, inutilmente, sem ninguem aceitar o repto, Artus deu conta do caso em um livro, que offereceu a todos os membros do instituto, a todos os jornaes crentes e descrentes, e concluia que a impotencia da incredulidade, em impugnar os milagres de Lourdes, equivalia a uma esplendida confirmação d'elles. [1]

Zola não sabe talvez um caso singular; é que o mesmo repto do — ide e vêde! — foi dez annos depois renovado pelo *Gaulois* de Paris, dirigido pelo judeu Arthur Mayer. Em agosto de 1882, precisamente nos dias da Peregrinação nacional a Lourdes, publicava elle maravilhas do que alli acontecia. O escriptor falava de vinte mil peregrinos, das curas maravilhosas por elle mesmo verificadas, citava os nomes e chegava ao numero de cincoenta, de varios graus, terminando com dizer: « Todos estes factos estão authenticados por processos verbaes, lavrados com grande severidade e summa lealdade. De resto, venham os incredulos e poderão julgar por si mesmos ».

Posto tudo isto, como pôr em duvida a probidade, a sinceridade, a veracidade das attestações das admiraveis curas de Lourdes? Não se podia fazer mais do que chamar para vêr.

VI

A incontrastavel certeza adquiria novo vigor, se tanto fosse preciso, pela instituição da estação medica, que tomou o encargo de estudar minuciosamente no mesmo local cada um dos casos, e de publicar-lhes a exposição scientifica, com a impressão dos assim ditos processos verbaes. Esta instituição, inaudita nos annaes do christianismo e admirada por muitos sabios heterodoxos, foi um golpe mortal na incredulidade, já desanimada. Agora já não são os padres, nem os missionarios, nem as Irmãsinhas, nem os devotos de qualquer condição, mas doutores, medicos, cirurgiões, clinicos, pathologistas, que fazem resoar desde a piscina e desde a Gruta da Virgem Immaculada o repto do — Vinde e vêde! — E mesmo para que os impedidos de ir possam vêr de longe com a vista do entendimento, eis o egregio dr. Boissarie, successor do Barão de Sainte-Maclou, primeiro fundador da estação, a divulgar os casos de curas, esclarecendo-os com toda a sorte de pormenores, discutindo-lhes os accessorios com as leis da physiologia e da medicina e com a sua celebre *Historia medica* [1], e com as suas subsequentes exposições [2], a appellar para todos os sabios do mundo, e propôr-lhes que dessem pareceres fundamentados.

« Depois de ter impresso a minha *Historia medica de Lourdes*, escrevia elle poucos mezes depois de a haver publicado, recebi um grandissimo numero de adhesões de collegas por mim desconhecidos, professores das nossas maiores Faculdades, membros da Academia, medicos dos nossos hospitaes. Não posso ter duvida ácerca das disposições que animam os meus collegas e os excitam a ter as mesmas crenças e a mesma fé. E assim, juntamente com a faculdade de Lille, com a Sociedade de S. Lucas e com a clinica de Lourdes, temos uma fulgida demonstração d'este movimento, que todos os dias mais se alarga e diffunde por toda a classe dos doutores medicos.

« Nem só em França se consegue um tão bom fructo; tambem lá por fóra, na Belgica, no Canadá, em Beyruth, nas republicas do Equador e da America do sul.

« E tambem aquelles de nós, que professavam a religião, faziam a mais expressa reserva com relação a milagres. Hoje chegam-me muitas cartas de collegas que me dizem: — Li com o maior gosto a vossa obra sobre os milagres de Lourdes; eu não os acreditava antes de haver lido. — E mais ainda: — O vosso livro me dá a conhecer milagres evidentes, irrecusaveis: curvemos a cabeça.

« Hoje já se fala alto dos milagres; sobre elles se disputa e se inquire. O professor Desplats, de Lille, propõe que se nomeie uma commissão permanente, com o encargo de examinar os doentes antes da sua partida e depois da volta de Lourdes e de apresentar os casos de cura milagrosa ás sociedades scientificas. Quanto caminho andado n'estes ultimos annos! Como estas mudanças nas opiniões e nas idéas são mais admiraveis ainda do que as mudanças no estado physico dos doentes! Para commover a tal ponto o mundo, para fazer parar uma sociedade que ia recahindo no paganismo, para illuminar este fim de seculo com taes claridades, carecia-se da virtude da Mão e da Palavra de Deus ».

(Continúa).

[1] *Os milagres de Nossa Senhora de Lourdes*; repto publico ao livre-pensar. Paris, V. Palmé, 1872.

[1] Lourdes, *Histoire medicale*, 1858-1891.
[2] *Annaes de N. S. de Lourdes*, 1892-1894.

SECÇÃO RELIGIOSA

A grande peregrinação á Penha

As fragosas cumiadas da poetica serra de Sancta Catharina, eden de delicias, aureolado pelos fulgores d'um bemfazejo sol e perfumado pelas refrigerantes brisas, saturadas de aromas, que roubaram ás flôres no seu rapido perpassar, vai ascender jubiloso, no dia 8 de setembro proximo, um povo crente a attestar imperterrito a sua nunca desmentida piedade e a manifestar o seu já tão provado e acrisolado amor á Virgem Immaculada.

Nos tempos calamitosos, que vamos atravessando, n'este marulhar agitado de descrença e immoralidade, as manifestações catholicas impõem-se, como um dever e apresentam-se como um antidoto a debellar o veneno, que, infiltrando-se no coração da humanidade, o vai debilitando, pervertendo e matando para todas as aspirações grandiosas e manifestações sublimes, que o arrastam para Deus e lhe suggerem e subministram alentos para o bem e impulsos para a virtude.

E, em verdade, as peregrinações catholicas fomentam o espirito christão — inicio e base da ordem e prosperidade das nações, manancial fecundo de todos os bens. Recommendadas insistentemente pelo glorioso Pontifice Leão XIII, que com tanta sabedoria preside aos destinos da Egreja, têm-se propagado d'um modo admiravel e até providencial por todo o orbe.

Roma, a famosa Roma, recebe continuamente em seu seio milhares e milhares de peregrinos, que vão, em piedosa romagem, orar junto ao tumulo dos Sanctos Apostolos e patentear seu amor, submissão e respeito ao glorioso, amado e sancto Prisioneiro do Vaticano. A França, a filha dilecta do Christianismo, assiste e contempla admirada as imponentissimas peregrinações, que o mundo catholico envia a Lourdes, a esse cantinho do céo, a esse vergel de flôres, que surge entre montanhas, onde echoam sonoros os canticos d'amor á Virgem, e ella mesma envia a sua peregrinação nacional á memoravel gruta de Massabielle, onde a Virgem Immaculada se dignou apparecer á ditosa Bernardette Soubirous, e na qual ainda hoje a humanidade inferma encontra allivios para seus males, confortos para suas desditas, esperanças para seus desalentos e motivos de sobejo para retemperar suas forças, afervorar suas crenças e robustecer sua fé.

Portugal, a nação, que se adorna com o titulo de fidelissima; Portugal, que no livro da sua historia gloriosa

tem escriptos com caracteres de ouro os nomes de Jesus e Maria, que deram valentia aos seus heroes, graça e luz aos seus santos, não podia deixar de acompanhar o mundo catholico nas suas manifestações grandiosas.

E assim é que, ha pouco ainda, a cidade dos Arcebispos, o baluarte inexpugnavel de firmissimas crenças, a catholica Braga, que com tanta justiça é chamada a Roma Portugueza, realisou a sua imponentissima e assombrosa peregrinação ao Sameiro, commemorando o 50.° anniversario do Apostolado da Oração.

O enthusiasmo de que foi theatro a formosa capital do Minho ainda hoje lembra com saudade. Lisboa, a primeira cidade d'este paiz catholico, realisou no dia 29 de junho a grandiosa procissão em honra do Sagrado Coração de Jesus, commemorando assim tambem o anniversario, que Braga já tão brilhantemente havia festejado.

Guimarães, que, desde os primeiros tempos da sua existencia, rendeu homenagem e consagrou amor á Virgem Mãe de Deus; Guimarães, que se gloria de ter por filhos um Pontifice sancto e um rei piedoso cuja fé lhe deu na historia o epitheto de Conquistador; Guimarães, sólo fecundo, onde se ostenta donairosa e bella a viçosa planta do Christianismo, não podia deixar de expandir os seus sentimentos d'amor a Maria Santissima, nem deixar de juntar a sua voz a esse concerto admiravel, que festeja o 50.° anniversario d'essa obra grandiosa de regeneração social, que se chama o Apostolado da Oração.

É por isso que no dia 8 do proximo setembro, em que a Sancta Egreja commemora o nascimento da Mãe de Deus, se organisará uma imponente peregrinação a Nossa Senhora de Lourdes, na Penha, por iniciativa do Apostolado, Filhas de Maria, e congregação de Maria Immaculada.

O joven Martyr

É admiravel o Christianismo!

Só elle ennobrece e nobilita o homem na vida, para depois o immortalisar além do tumulo. Só elle apresenta os seus annaes escriptos com o sangue dos seus martyres, d'esses heroes, que, desprezando o mundo, souberam dar a Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar.

O martyriologio romano está cheio de heroismos, que enchem de admiração o espirito humano, por serem praticados em pequeninas idades e em circumstancias bem criticas. Quereis participar d'essa admiração? Prestai a vossa attenção ao caso que vos vou apresentar.

Era em 1880. Corria feroz a perseguição na Cochinchina. Os mandarins acabavam de mandar incendiar a cidade christã de Ngocduong; a cruel e sanguinaria soldadesca precipitava-se sobre aquella cidade levando tudo a ferro e fogo; homens, mulheres e creanças fugiam em todas as direcções, soltando lastimosos gritos, perecendo muitos queimados e assassinados.

A hecatombe era medonha, o sangue corria a jorros, mais de quatrocentos christãos foram cortados em pedaços, e outros encerrados em horridas masmorras para as torturas de martyrios mais morosos e dolorosos, no intuito de assim conseguirem alguma apostasia.

Baldado empenho: o soldado da fé está sempre firme e inabalavel, como o cedro altivo, que ri das tempestades, que contra elle se levantam.

Entre esses martyres illustres encontrava-se uma pobre creança, que, em seus felizes e dourados sonhos, vira praias mais lindas, noites mais estrelladas e soes mais alegres.

Orphão de pae e mãe, e herdeiro das suas crenças, nunca os mandarins o poderam decidir a renegar a fé em Jesus Christo.

— Já não tenho pae, nem os meus labios podem já beijar as sanctas mãos de minha mãe, que tambem a perdi já; mas em compensação, tenho a Deus e a Virgem no céo. Não amo a vida, porque n'ella tudo acaba: as folhas das arvores despegam-se, e os mortaes, pobres plantas ephemeras, murcham depressa, e cahem como ellas a todo o instante. Ambiciono a morte, porque me quero ir esconder no intimo da face do meu Jesus, e tomar logar entre os anjos, meus irmãos. Matai-me pois!

— Não te mataremos, porque ainda nada vales, és uma creança; mas só te applicaremos golpes de azorrague até que pizes aos pés a cruz d'esse Deus, que tu adoras.

— Nunca o conseguireis, são baldados todos os vossos esforços, porque, quanto mais me martyrisardes, mais coragem e firmeza eu alcançarei do meu querido Jesus. Que importa perder a vida, se vou ganhar a corôa da eternidade feliz por seculos sem fim? Oh, meu pae e querida mãe, que do céo me contemplaes, velai por mim; pedi a Deus, para que a palma e corôa do martyrio se não demore muito!

Que mais era preciso, para enfurecer os crueis algozes?

Um dos crueis soldados, puxando da espada, d'um só golpe cortou a innocente cabeça d'aquelle anjo terreno.

Sua alma ditosa attingia depois os atrios celestes, e no meio das milicias angelicas cingia a fronte da brilhante corôa que lhe merecera a sua participação, pelo glorioso martyrio, nos merecimentos immensos de Jesus.

E agora o ditoso menino, o joven Martyr, collocado entre os anjos seus irmãos, repetirá por toda a eternidade o divino cantico de acção de graças e de amôr, a jubilosa — Alleluia.

Inclyte Martyr, unicum
Patris secutus Filium,
Victis triumphas hostibus
Victor fruens cœlestibus.

Moreiras Grandes, 29 de julho de 1894.

José Maria Rodrigues Valente.

Congresso!

Temos a grande satisfação de poder affirmar: que este reino se assignala por uma notavel devoção publica á Sagrada Eucharistia. Nas tres cidades, Lisboa, Porto e Guimarães, a Hostia consagrada é exposta em adoração todos os dias do anno; em Lisboa dia e noite *Exposição-Perenne;* no Porto durante o dia, quasi sempre em mais do que uma egreja, desde o dia de Anno Bom até ao dia de S. Silvestre; em Guimarães, *idem.*

Vêm depois Braga, Vianna, no Minho, Coimbra, Lamego, freguezia de Pedroso no bispado do Porto, etc., não havendo em Portugal egreja parochial, onde o Santissimo Sacramento não seja exposto no anno.

Santarem goza o Sancto Milagre Eucharistico! A este respeito esperamos mui consoladores relatorios no Congresso do Santissimo Sacramento do Altar, na cidade vimaranense, que então se verá santamente invadida por uma multidão de boa gente, que nem a Platão descontentaria, pois que elle disse: «O que importa não é a muita gente, mas sim a boa gente».

É de uma gravissima lastima o que se está dando em muitas terras! Sim, são muitos os infermos, que morrem sem ter recebido em sua enfermidade os ultimos Sacramentos, ou só a Extrema Uncção solicitada, quando o doente já não parece perceber o que recebe! Tal facto dá-se muitas vezes, não tanto, porque na respectiva familia se dê o impio desprezo dos Sanctos Sacramentos, mas quasi sempre pelo *humano* (antes *deshumano*) *receio* de que o padecente se aterre por se lhe fallar em ser sacramentado! Erra em tal conceito, e a experiencia affirma, que nunca um doente morreu ou peorou por se lhe suscitar ou aconselhar a recepção dos Sacramentos da Sancta Madre Egreja; o que aliás está provado até pelos factos é que, depois de sacramentado, o infermo adquire um socego d'alma, que se reflecte no corpo padecente, e d'este

modo está provado pelos factos a verdade da doutrina de Deus, que nos ensina que os Sanctos Sacramentos são salutares á alma e ao corpo do que os recebe com as devidas disposições.

O Congresso Eucharistico não poderá determinar sobre o importantissimo assumpto exposto, mas poderá e deverá occupar-se d'elle amplissimamente, de modo a excitar as familias no cuidado de que seus membros se não achem no Tribunal Divino sem terem sido sacramentados.

O que disserem e fizerem os congressistas, não ficará em segredo d'elles e só dentro das barreiras de Guimarães; passará estas e mesmo irá além das fronteiras do paiz; as referencias verbaes e as escriptas deixarão de reconhecer fronteiras.

Ha em Portugal ainda quem pergunte: *o que são os Congressos Catholicos?* Pois é mister que todos saibam *o que são e o que valem taes reuniões no serviço da Religião, da Sociedade e da Patria!*

D. Antonio de Almeida.

SECÇÃO SCIENTIFICA

O Diabo e as suas obras

(Continuado do n.º antecedente)

Se examinarmos os meios adoptados pela magia para a producção de todos os phenomenos, de adivinhação, prestigios, vã observancia e maleficios, veremos não haver proporção entre elles e os effeitos que obtinham ou pretendiam obter, como consultar o vôo das aves, as entranhas dos animaes, os signaes na agua e no ar, servir-se de sonhos ou da sorte, proferir determinadas palavras mysteriosas e incoherentes, fazer gestos vãos e ridiculos, usar estranhas misturas de substancias incoherentes, pronunciar ordens cheias de jactancia, orgulho, blasphemias ou ameaças evidentemente diabolicas, com a addição de certos signaes convencionaes e outros muitos de parecida especie.

Finalmente notava-se nos magos a nescia pretenção de que tinham á sua disposição os espiritos ao simples signal estipulado; e até se jactavam de os poder obrigar contra vontade, ligal-os indissoluvelmente a certa pessoa ou coisa, consoante seu capricho, notando-se commumente uma instabilidade marcada, tanto nas operações produzidas nas faculdades intellectuaes e sensitivas do homem, como nas simplesmente externas que se realisam no corpo.

Fazei comparação agora entre os caracteres da magia e os do hypnotismo, spiritismo e somnambulismo, e outra coisa não podereis affirmar que a perfeita similhança entre uns e outros. E não se estranhe isso: filhos são todos legitimos e naturaes do mesmo pae, e os traços de sua physionomia accusam uma descendencia commum. De ordinario, quem são os somnambulos, os *mediums* e os hypnotisadores de officio? Que se propõem elles em seus ruidosos espectaculos?

A ninguem queremos offender e a ninguem nos referimos em particular; consultai no emtanto os mesmos livros e revistas em que se encomiam suas habilidades; averiguai seus antecedentes e chegareis a convencer-vos que são, em regra, gente irreligiosa e immoral, que só aspiram á satisfação da concupiscencia dos olhos e á soberba da vida, vendendo o somnambulismo magnetico e lucido e a intervenção com os espiritos, á custa do dinheiro, da honra e até da alma dos seus proximos. Quaes são os effeitos que de ordinario causam nas cidades constituidas theatros de suas exhibições? Geme e chora a Egreja os estragos causados nas almas pela impiedade e por toda a classe de vicios, e a auctoridade civil vê-se alfim obrigada a intervir para obviar á corrente devastadora, evitando a reproducção crescente dos casos de demencia, suicidios, roubos, inimizades, divorcios e assassinatos. Recordai a este proposito a exposição apresentada ao Congresso dos Estados-Unidos norte-americanos, e não duvideis, nos fôra mui facil reproduzir testimunhos de academias scientificas, centros officiaes nada suspeitosos, opinião de conselhos de saude e factos eloquentissimos, que evidenciariam que o somnambulismo, o spiritismo e o hypnotismo são contrarios á saude publica e á moral.

Quanto aos meios e processos adoptados, que tem que invejar as tinas e laminas de Mesmer aos passes e olhares do somnambulismo, aos sonhos e evocações dos *mediums*, ao imperio secreto e suggestões do hypnotista, ao exame do vôo das aves, ás entranhas dos animaes, ás palavras incoherentes e gestos ridiculos, aos signaes convencionaes, aos mandados e ameaças dos aruspices, feiticeiras, bruxas, magos e adivinhos?

E em conclusão: á vista de todos está a petulancia com que, á imitação do quanto o mago blazona de seu poder sobre os demonios, elogia o somnambulo e mesmerista a efficacia de seu fluido magnetico, o spiritista o dominio que exerce nas almas dos defunctos, e o hypnotista as virtudes preternaturaes do seu somno nervoso. Nem ha que determo-nos a demonstrar o caracter transitorio e instavel dos effeitos physiologicos, psychicos e de claro-videncia dos modernos thaumaturgos, á similhança do que se passa nos phenomenos da magia, pois toda a gente conhece quanto aquelle é fugaz e illusorio que, terminada a scena, não deixa sequer aos pacientes a recordação do que n'elles se passou, e como o fumo se desvanecem os conhecimentos de coisas occultas e successos vindouros, que tanto os distinguia durante o somnambulismo lucido e o extasis magnetico. Vêde pois como ha perfeita analogia e inteira similhança entre os caracteres de uns e outros phenomenos, como a ha entre phenomenos e phenomenos.

Em summa: o hypnotismo moderno é identico ao mesmerismo do seculo passado, e ao somnambulismo e spiritismo do seculo passado e do presente, e todos são identicos, o mesmo, o mesmissimo que a antiga magia.

Toca-nos agora examinar qual seja a natureza intima de todos estes phenomenos, averiguando n'este proposito a verdadeira causa productora dos mesmos, a qual, como levamos dicto, outra não póde ser que o mesmo demonio.

(Continúa).

Dr. D. Salvador Casasas y Pagés.

SECÇÃO CRITICA

Pela imprensa

Jacobinos... no bojo dos loyolas!...

O *illustre Saragoçano*, que estabeleceu em Braga o seu observatorio psychico, não se cança de mandar para a *Voz Publica* o resultado das suas previsões *pateticas*, ácerca d'uma tempestade horrivel, que ameaça metter todos os jacobinos no *bojo enorme dos loyolas!...* Nuvens negras toldam o céo azul das suas esperanças *impio-republiqueiras:* ora é o jesuita, que passa, envergando a roupeta quasi tão escura, como a alma do illustre astrologo psychico-patetico; ora é uma dama, que deixa os arrebiques da moda, as côres garridas do seculo pelo habito pesado e negro de religiosa!

Depois ha relampagos e trovões, que são a fé viva do jesuita, e a palavra eloquente e arrebatadora do padre Dias Silvares. E o correspondente (coitado!) que é uma candeia de azeite de purgueira a arder em face d'aquelles relampagos, que o cegam; o correspondente (infeliz!), que é uma rã a coaxar em presença do trovão, que o aterra... grita e berra, barafusta e chora, e, á d'el-rei! senhores da justiça, «é urgente e inadiavel pôr um dique, do contrario dentro em pouco lá vamos nós todos parar ao bojo enorme dos loyolas»!!!

Mas, é tempo de dizer aos leitores, que não lêem o *papel*, onde se acham as bellezas d'este *Saragoçano* de nova especie, o que motivou as suas *patelices*, digo, previsões.

Uma dama de Braga, pertencente a uma familia distincta, sentiu-se com vocação para abraçar o estado religioso e resolveu ir para irmã de caridade. Ora o jacobinismo, que tem sempre lagrimas de crocodilo para *chorar* estas *desgraças;* o jacobinismo, que exulta, quando uma transfuga da familia vai lançar-se nas mais vergonhosas torpezas ou pôr termo á vida n'uma allucinação de descrença; o jacobinismo, que não comprehende a sublime dedicação da mulher, que, levada pelo verdadeiro amor, vai tratar dos que soffrem e ensinar os ignorantes, sem outra recompensa, que não seja a esperança n'uma vida melhor; esse jacobinismo desvairado, louco, que em Braga já conta alguns adeptos, uns, filhos da má fé, outros, da ignorancia, vem pela bocca d'um seu representante *dignissimo*, intellectual e moralmente considerado, gritar contra o procedimento d'essa dama, que no pleno uso da sua liberdade obedeceu á vocação do céo, e inventar *supplicas lacrimosas da familia e amigas e tristes consequencias, como fortunas aniquiladas, mortes prematuras, etc. etc.* (!!!)

Eu sei, que esta argumentação já não colhe, porque é anachronica e assaz *estafada;* mas não se póde deixar passar sem protesto essa *chantage* de lamurias e compaixões fingidas, que se exhibem sempre que uma senhora cede aos impulsos d'uma abnegação, que Deus abençôa e a humanidade bemdiz.

*

O correspondente de Braga para a *Voz Publica* julga como uma *desgraça* o desprendimento das cousas do mundo e a pratica das mais bellas virtudes christãs n'uma congregação religiosa, e isto, porque ignora que para os que praticam taes virtudes ha um premio, que é a vida eterna no gozo da felicidade suprema no céo. Fique-se com a sua descrença real ou fingida (embora isto seja para lamentar), mas tenha ao menos a lealdade, que deve existir em todo o jornalista, quer elle seja um homem, que se imponha pelo seu talento e pela sua rectidão, quer seja um anonymo escrevinhador de gazetas. Houve lagrimas?... É de suppôr, que as houvesse da parte da familia e d'essa mesma senhora, que ia envergar o habito de religiosa. Mas que prova isso? Que a separação dos sêres, que se amam, nunca póde fazer-se, sem um certo sacrificio. Seriam lagrimas de reprovação do procedimento d'essa senhora? Não o diz o correspondente; indague, e, se o foram, saiba, que a liberdade mais sagrada é a que diz respeito á vocação de cada um.

De resto, se, abstrahindo do premio eterno, quizermos encarar humanamente o procedimento d'essas heroinas da caridade, que, deixando a patria, a familia e o nome, vão enxugar muita lagrima, suavisar muito soffrimento, dissipar muitas trevas e derramar muita luz, nós vemos nos hospitaes, nos asylos, nas escólas, nas regiões insalubres e nas guerras mortiferas, a irmã de caridade, sempre a sorrir, attender aos gemidos dos que soffrem e ás supplicas dos que jazem nas trevas do erro e da ignorancia, e receber dos que são objecto da sua sollicitude palavras de benção e gratidão... Não lhe parece isto grande, respeitavel, commovente?...

*

Mas, este *leitor de gazetas* é talvez algum carola dos quatro costados, que não merece fé, porque é suspeito. Elle indica grandes beneficios, mas não deve acreditar-se, porque escreve no *Progresso Catholico*, tido e havido como reaccionario, jesuita, etc. etc.

Ora ouça. É do insuspeito *Primeiro de Janeiro* a seguinte noticia, que transcreveu d'um jornal d'esta terra:

«Benemerencia. — Tiveram-na, exemplarissima, as Irmãs superiora e auxiliar da Santa Casa da Misericordia (de Guimarães) e o enfermeiro ajudante, no tratamento do snr. Manoel Arthur da Silva Caldas, victima d'um ataque de mormo. Conscientes do perigo que as ameaçava, não hesitaram um momento em exercer todos os actos de assistencia nos ultimos dias d'aquelle desventurado.

«Nem a Irmã Iria consentiu sequer que outrem prestasse o ultimo dever de acrisolada caridade — vestir o morto. Superiormente edificante! Que Deus recompense estas benemerencias, e que as entidades a quem compete (*n'este numero* entra tambem a *imprensa periodica, que tanto as tem calumniado*) não esqueçam esta alta dedicação humanitaria e lhe testimunhem o reconhecimento devido, official e publico».

Isto nas columnas do *Janeiro* é importante, não lhe parece? Quer mais? Leia a seguinte portaria do governo da Guiné:

«Tendo-se as Irmãs Hospitaleiras do hospital de Bolama, Maria Romana de Jesus, Lucinda de S. José e Lucrecia de S. José, offerecido para no desempenho da sua nobre missão, irem prestar serviços durante as ultimas operações; tendo em attenção a maneira carinhosa e desvelada como as mesmas Irmãs trataram dos feridos:

«Hei por conveniente louvar a superiora, Irmã Maria Romana de Jesus e as Irmãs Lucinda de S. José e Lucrecia de S. José pelos bons e relevantes serviços, que prestaram aos soldados e marinheiros doentes e feridos em Bissau. As auctoridades e mais pessoas a quem o conhecimento d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram.

«Governo da Guiné Portugueza, em Bolama, 23 de maio de 1894. — *Luiz Augusto de Vasconcellos e Sá*, governador. — Está conforme. — Secretaria do governo de Bolama, 1 de julho de 1894. — O secretario interino, *Cesar Augusto Barbosa*».

O correspondente da *Voz Publica* talvez ache suspeito este testimunho publico de reconhecimento, porque dimana do representante d'um governo monarchico. Saiba então, que o governo da Republica Franceza concedeu a *Cruz da legião d'honra* a quatro Irmãs de Caridade pelos actos de abnegação, que praticaram no hospital de Brest durante a epidemia do cholera em 1893.

A Republica Franceza no *bojo dos loyolas!!!*

Eu não tenho a honra de conhecer o snr. correspondente, cujos assertos jacobinicos me suggeriram estas considerações, que passei ao papel, *corrente calamo;* apesar, porém, de não o conhecer, nem por isso deixo de observar o preceito, *diligite homines;* por isso lá vai um conselho: deixe-se de declamar contra o que ha de mais respeitavel na terra, que não será por isso, que o seu ideal politico deixará de vingar.

UM LEITOR DE GAZETAS.

Voltarão os frades?

Tudo contra! Os frades e Christo.

Deixando, porém, esses philosophos quererem só o que Jesus Christo aconselhou, vamos a tratar d'outro argumento contra a existencia das ordens religiosas.

Ha quem diga, que os frades viviam n'uma completa e constante ociosidade.

Não é tanto como se diz e como alguem ingenuamente acredita. Se um ou outro frade tinha genio de nada mais fazer, do que cumprir as obrigações dos seus estatutos, outros muitos (ou sua maior parte d'elles), trabalhavam de muitas maneiras e todas ellas com maior ou menor utilidade.

Seria longa a enumeração das obras, que os frades escreveram ácerca de todos os ramos dos conhecimentos humanos. Essas obras eram volumosas e precisavam de tempo, muita paciencia e muito estudo. Não tinham a facilidade, com que hoje qualquer aspirante a litterato escreve ahi um artigo para um jornal, dizen-

do mal dos frades e atacando tudo, sem criterio nem fundamento, mas ficando muito mais orgulhoso da sua obra, do que se tivesse escripto uma chronica, um tratado sobre philosophia ou sobre qualquer sciencia, e entendendo que ás suas opiniões todos devem curvar a cabeça.

Os que não empregavam o tempo, escrevendo livros, empregavam-se no ministerio do confessionario e não poucos no pulpito.

*

Tambem não era raro haver conventos, em que alguns frades, ou por esforço ou por natural tendencia, se empregassem nas artes. Assim viam-se conventos com alguns quadros, orgãos, imagens e outros objectos devidos ao trabalho dos proprios habitadores do claustro.

Aquelles, que ainda estavam no noviciado, eram obrigados a certos trabalhos espirituaes e a não poucos trabalhos materiaes, que certos philosophos achariam pesados e improprios da sua elevada posição e do seu viver afidalgado.

Além d'isso, nos conventos, os que houvessem de professar e ainda os que já tivessem professado, eram obrigados a estudos regulares, que duravam um certo numero de annos e eram obrigados a exames publicos; e muito mais publicos eram os exames dos frades, que se queriam sujeitar ao magisterio.

*

Já se vê, que uns estudavam, porque eram *docendos;* outros, porque já eram *docentes.*

E note-se, que estes apenas tinham como paga a isenção de algumas obrigações conventuaes e não tinham os bons ordenados que hoje auferem os professores dos lyceus e os lentes das escholas superiores.

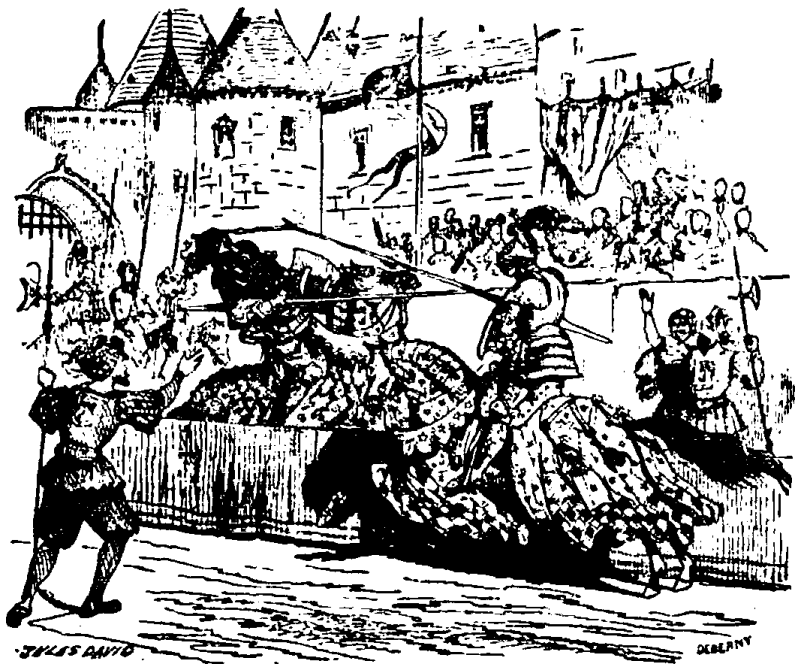
Os que ensinavam, não tinham só por discipulos os habitadores do claustro, pois iam dar aulas a alguns seminarios, sem ás vezes receberem mais que uma pequena remuneração, e outros nem isso recebiam.

Verdade é, que alguem nos fala dos *padres prebendados,* mas nem sempre estes eram claustraes; e, se o eram, recebiam uma prebenda diminutissima, mas só depois de um grande numero de annos de serviço, prebenda, que, afinal, revertia novamente em favor do convento, *visto que os frades não podiam testar.*

*

Nos conventos estavam as horas repartidas todas tão methodicamente, como por uma tabella e tão rigorosamente, como na vida militar.

Cada frade ou grupo de frades tinha, em que empregar o tempo, segundo as obrigações, a que os sujeitava o prelado; em conformidade com as habilitações, idade e genio de cada um; e segundo as regras do instituto, que haviam professado.



LUCTA DE GLADIADORES

Cada um, pois, tinha o seu ramo de serviço. E distribuidos estavam os trabalhos pelas differentes horas do dia.

Assim, havia o tempo para se celebrar e ouvir missa, para se rezar as horas canonicas; para outras rezas e exercicios espirituaes; para a arrumação dos paramentos; para a limpeza do templo, das cellas, dos corredores e d'outras repartições; para o estudo litterario, para a musica, sua pratica e ensaios; para as aulas, para o recreio, para as contas, para os trabalhos agricolas, para tudo, sem se faltar a nada e em nada se alterar as disposições da regra *ao perder tempo.*

*

O prelado era o chefe e tinha não pouco trabalho, para que tudo corresse com ordem e boa economia: um tratava da despensa, outro da escripturação, das contas e do archivo; outro era o feitor, o procurador ou o celleireiro; este olhava pelos trabalhos da cerca e não poucas vezes era encontrado com a enxada na mão ou fazendo quaesquer trabalhos agricolas; aquelles eram professores; estes, estudantes; uns estudavam musica para as solemnidades do proprio templo e para a ensinarem; outros empregavam-se nas artes, taes eram os *Pégos Verdes,* do Algarve; os *torneiros* (carmelitas descalços), de Lisboa. Os da Ordem dos Hospitaleiros (Ordem de S. João de Deus) empregavam-se a tratar dos doentes. Os prégadores (Ordem de S. Domingos) dedicavam-se ao pulpito, o que não lhes devia dar pouco trabalho material e intellectual. Os trinos dedicavam-se á Redempção dos captivos e não podiam estar completamente ociosos, para arranjarem meios para tão sublime fim.

Em summa, ou por uma fórma ou por outra, sempre estavam entretidos os frades, ou no ministerio da sua ordem ou n'aquillo para que as suas habilitações e naturaes tendencias os impelliam.

*

E o mesmo acontecia (e acontece ainda) nos conventos de freiras. Umas bordam, outras tratam dos paramentos, outras fazem o serviço do côro e se dedicam á musica de canto e de orgão, outras leccionam, outras costuram, ou fazem dôce, ou flôres, ou trabalham na cerca, ou tratam da roupa, ou dos doentes, ou da administração domestica.

As solemnidades religiosas tambem dão trabalho e por esta fórma a ociosidade foi, é e sempre será proscripta das casas de taes institutos.

*

Supponhamos, porém, que os frades, cumpridas as obrigações religiosas da sua regra, eram todos uns artistas.

O que diriam os seus detractores? Diriam, que os frades eram tão miseraveis, que aplainavam madeira para soalhos, janellas e portas, e faziam os concertos da sua habitação só para aferrolharem o dinheiro, não dando assim, que fazer aos artistas. E o mesmo diriam se fossem alfaiates, sapateiros, ferreiros, torneiros, pintores ou outros artistas, que publicamente ou em particular trabalhassem para si ou para venderem as suas obras.

*

N'esta parte fazemos a vontade aos philosophos, dizendo-lhes, que nem todos os frades se poderiam empregar em trabalhos rusticos ou em trabalhos artisticos. A educação de quasi todos os fra-

des, a sua posição, os seus trabalhos intellectuaes, a sua idade, achaques e outras circumstancias obstavam a isso. Mas, se tal acontecia, tambem com isso poderiam lucrar muitos individuos, visto que por esta fórma tambem se dava que fazer aos artistas, aos trabalhadores de enxada e a outros individuos, que assim encontravam meios de subsistencia para si e para suas familias.

E eis aqui a razão, por que os conventos sustentavam muita gente, mesmo que não tivessem empregos monasticos. Eis aqui a razão, por que algumas povoações tiveram por origem o trabalho proteccional, fornecido pelos frades, sem que, para tal o acreditar, seja mister attribuir essa origem á falta de castidade, de que muita gente os accusa, como os accusa do peccado da preguiça ou da ociosidade.

Mas quem os accusa de tal vicio? de tal peccado?

Quem ouvir certos philosophos declamar contra a *mandriice* dos frades, ha de cuidar, que taes declamadores, ainda o dia vem em casa do Deus verdadeiro, ou, fallando poeticamente, ainda o sol está dormindo nos braços da aurora, já estão trabalhando de enxada, ou de escopro, ou de serra, ou de sovella ou de agulha, ou d'este ou d'aquelle modo.

É o contrario. Quem ralha da *mandriice* dos frades não é o artista honrado, não é o proprietario laborioso, não é o trabalhador humilde, suando e curvado pelo peso dos annos e das fadigas. Esses não têm tempo para dar á lingua. O que querem é ganhar o pão para si e para as suas familias. Esses declamadores são os que se levantam ás 9, 10 ou 11 da manhã e até mais tarde; passam o tempo, de dia, nos botequins e á noite nos jogos, nos bailes, nos theatros e nas orgias.

Se são empregados, ou vão á repartição só para assignarem o recibo do seu ordenado mensal, ou passam as horas (as poucas que lá passam) limpando as pennas, fumando o seu charuto, falando da voz de tal actriz, do baile de tal visconde, do jantar de tal conselheiro, e pouco mais farão, porque muitos pouco mais sabem fazer.

Se são jornalistas, vão até o escriptorio da redacção, enchem algumas *columnas* de papel, dizendo mal do governo, porque ainda não os empregou; ou bem, porque esperam ser empregados. Algum insulto, alguma noticia, alguma critica aos jesuitas, alguma censura ao chefe ou aos ministros de estado, são os principaes assumptos dos seus escriptos. Tomam a sua fumaçada, bebem o seu copo de agua ou de cerveja, querem mesa lauta, amam a tafularia, e eis aqui o *grande trabalho* d'esses inimigos da *mandriice* dos frades!

E como estes, ha no nosso paiz muitos parasitas, auferindo qualquer d'elles um ordenado superior ao rendimento de certos mosteiros, como diremos n'outro logar.

UM CATHOLICO.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria dos homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado do n.º antecedente)

102.º

CCXVIII

P. Vito Ebermann

FALLAMOS em outra parte do grande cardeal Roberto Bellarmino, da Companhia de Jesus, que sem questão foi o mais celebre controversista catholico; não podemos, portanto, deixar de mencionar o seu confrade Vito Ebermann, cujo nome deve andar sempre associado ao de Bellarmino.

Effectivamente, o jesuita de que nos occupamos, tambem se distinguiu na materia de controversias contra os herejes do seu tempo, sustentou com energia os dogmas catholicos, e, além d'isso, defendeu contra elles a immortal obra do cardeal Bellarmino.

Nasceu Vito Ebermann na Allemanha, no anno de 1597; membro distincto da Ordem de Sancto Ignacio, teve n'ella grande consideração por sua sciencia e virtudes, occupando por muitos annos o cargo de professor de philosophia e theologia em varias cidades da Allemanha. Ensinou tambem com reputação bellas-lettras em Mayense.

Reconhecido geralmente o seu merito scientifico e suas qualidades moraes, foi nomeado reitor do seminario de Fulda, cargo que exerceu com toda a sabedoria e prudencia.

Morreu este sabio jesuita em Mayense, a 8 de abril de 1675.

São numerosos os seus escriptos, que versam principalmente sobre materia theologica. A sua obra mais notavel é a que escreveu contra os adversarios de Bellarmino, onde demonstra a má fé e os sophismas dos herejes.

Deixou tambem excellentes livros contra os protestantes e em defeza da Companhia de Jesus, calumniada pelos sectarios do seu tempo.

CCXIX

P. Carlos Peterffi

Descendente d'uma familia nobre da Hungria, Carlos Peterffi, sendo ainda joven, entrou na Companhia de Jesus no anno de 1715. Era homem de elevado genio, de rara intelligencia e assiduidade no estudo.

Ensinou bellas lettras em Tyrnau e philosophia em Vienna, com applauso geral. A sua vocação especial foi para a historia ecclesiastica da sua patria, a cujo estudo se dedicou com todo o cuidado.

Deixou uma obra estimavel sobre os concilios celebrados na Hungria, desde o seculo XI até o seu tempo, a qual encerra muitas noticias relativas aos reis da Hungria e aos legados da Sancta Sé n'aquelle paiz.

Admira-se n'esta obra a elegancia do estylo, a ordem com que é organisada, a variedade de investigações, as estampas que a adornam dos antigos monumentos. Escreveu em latim.

Alguns criticos, apreciando o trabalho historico d'este jesuita, apenas o censuram por se mostrar muito forte contra os seus adversarios.

Morreu a 14 de agosto de 1746.

CCXX

P. José Petit-Didier

Este jesuita era natural da Lorena (França), onde viu a luz nos fins do seculo XVII e falleceu em meiados do seculo XVIII; não sabemos com certeza o anno do seu fallecimento.

Comtudo mencionamol-o aqui, porque realmente foi um homem notavel da Companhia de Jesus no seculo passado, mostrando grande zelo contra as doutrinas jansenistas que por bastante tempo agitaram a Egreja de França. O padre José Petit-Didier escreveu especialmente contra as instituições theologicas de Juenin.

Notaremos, que Gaspar Juenin, oratoriano francez, ainda que auctor estimavel a muitos respeitos, cahiu em varios erros, *parecendo* admittir em parte o jansenismo; e é por isso que muitos bispos da França condemnaram a sua obra, a qual tambem foi proscripta em Roma pela Sancta Sé.

Foi contra esta obra que escreveu, refutando as doutrinas erroneas ou suspeitas de erro, o nosso jesuita José Petit-Didier.

Além d'isso, tambem se occupou de livros espirituaes, que tiveram grande aceitação, sendo muitas vezes reimpressos.

Convém saber que este jesuita teve um irmão, por nome Matheus Petit-Didier, que foi benedictino, e depois bispo titular de Macra, e ultimamente assistente ao solio pontificio. Este prelado escreveu muitas obras theologicas, cheias de solida doutrina e de muita erudição.

No emtanto, tambem escreveu alguma

coisa que favorecia o jansenismo e que finalmente retractou, concorrendo para isso o seu irmão jesuita, o nosso José Petit-Didier.

Não deve, pois, confundir-se um com o outro. O Petit-Didier, commumente citado pelos moralistas, é o que foi bispo de Macra, Matheus.

(Continúa).

PADRE JOÃO VIEIRA N. CASTRO DA CRUZ.

SECÇÃO LITTERARIA

Ao «Mensageiro do Coração de Jesus» [1]

Vôa, vôa, Mensageiro,
Vai levar pregão leal,
Desce o valle, sobre o outeiro,
Corre todo o Portugal.
Onde um lar qualquer s'enxergue,
Quer de paço, quer d'albergue,
Entra affouto, mas cortez:
Passa o Tejo, passa os mares,
Vai aos indicos palmares,
Vai onde haja um Portuguez.

Tens entrada em toda a parte;
Em mui varios arraiaes,
Desfraldando o estandarte
Exhibindo as credenciaes
Não politico emissario
Vais do campo do Calvario,
Por pendão levas a Cruz,
Tens a paz por tua liça,
Por politica a justiça,
E por mote — amar Jesus.

Acharás no teu roteiro
Quem te dê nome de irmão,
Quem saude o Mensageiro
Do divino coração.
E se alguem cuspir affronta
Dize: «A outra face é prompta,
Que esses são os lucros meus,
Cavalheiro, não protesto,
Para mim seja o doesto,
Mas que dais p'ra o nosso Deus?»

Cada flôr ouve da aragem
Suavissima canção;
Mensageiro, tens mensagem
Para todo o coração.
P'ra o brioso tens victorias,
P'ra quem glorias quer, tens glorias,
P'ra quem amor, tens amor:
Tens emboras para a ventura,
E um segredo de ternura
P'ra quem soffre acerba dôr.

Vai, arauto da conquista,
Aos valentes corações
Alvoroça, esperta, alista
Numerosos campeões;
Que é um Deus que faz a guerra
P'ra trazer o céo á terra,
E levar a terra ao céo,
Quebrar nosso captiveiro
P'ra ser nosso prisioneiro,
Nosso bem, gloria e trophéo.

Paranympho de noivado,
Vai falar de casto amor,
Um coração traspassado
Mostrarás para penhor.
Vai dizer que o divo Esposo
Espera almas dadivoso,
Entre rosas e jasmins;
Que dos céos tem o sorriso,
Traz por dote o paraiso,
De seu corpo faz festins.

Aos mimosos da fortuna
Dá sinceros parabens,
Se o baixel que hoje se enfuna
Leva lastro p'ra os vae-vens,
Se conhece uteis alijos
No bater dos ventos rijos,
Se por mastro a cruz alçou;
Se tomando a fé por norte
Pelo estreito — Boa Morte
Para a patria velejou.

Mas os mais, verás, são pobres...
Se da graça a joia tem,
Mensageiro, acata os nobres
Pelo fôro de Belem.
A qualquer que da desgraça
Beba crente a amarga taça,
Cala tu, fale Jesus,
Apontando por conforto
Agonias do seu horto,
Convulsões da sua cruz.

Mensageiro, linda abelha,
Vai formar teu colmeal:
Junto á cruz tens segurelha,
Tens gentil rosmaninhal.
Que risonho abril viceja
No jardim da Sancta Egreja
Para formares o teu mel!
Quer do calix d'alvos lyrios,
Quer da essencia dos martyrios
Ou da baga do laurel!

Almas, vinde, vinde todas,
Vinde ao mel do meu labor,
Vinde ao philtro para as bodas
Que prepara o Deus de amor.
Isto digo, ó Mensageiro,
E agora vôa ligeiro
E o céo guie os passos teus.
Ergue um brado retumbante
— Por Jesus, ávante, ávante —
Mensageiro, adeus... adeus!...

[1] Do mimoso e sabio poeta vimaranense, C. S.

III

O pensamento, a palavra e a imprensa

(Continuado do n.º 15)

Initium sapientiæ timor Domini.
PSALT. DAV.

A palavra teve um echo de bronze contra a tyrannia nos peitos fortes de Debora, dos Machabeus, de Demosthenes, de Cicero, de Richelieu, de Joanna d'Arc, de Cromwell, de João de Castro, de João Pinto Ribeiro, de Pombal, do rei-soldado... Teve um arfar de emoção finissima nos corações carpidores de Job, de David, de Anacreonte, de Ovidio, de Dante, de Thereza de Jesus, de Filynto, de Bocage... Teve volumosos jactos de luz nos cerebros ardentes de Socrates, Platão, Aristoteles, Philipon, Gilbert, Galileu, Manoel de Campos... Teve culminantes repositorios de inspirações divinissimas nos espiritos sublimados de Clemente, de Cyrillo, Athanasio, Agostinho, Ambrosio, Gregorio, Thomaz d'Aquino, Affonso de Ligorio, Antonio Vieira... Teve magnetismos d'amor nos seios fervorosissimos de Susana, de Magdalena, Helena, Cornelia, Monica, Isabel, rainha, Luiza de Gusmão, duqueza e depois rainha, da piedosissima D. Maria I e da bondosissima D. Maria II de Portugal... Teve o suavissimo celeste, o dulcissimo infinito, a eloquencia omnipotente, o inexprimivel de tudo, e o tudo do poder immenso no divino Jesus Galileu, na angelica Maria Nazarena, e nos pescadores illuminados de Tiberiades.

Agora, o elemento evolutivo, o invento maravilhoso, o instrumento ingente que depois de seculos passados, veio pulverisar a palavra e pela palavra o pensamento, por todos os seios onde se abrigam povos — a imprensa, a arte typographica, o que tem sido, o que veio a fazer e o que tem feito?!... Tem sido a disseminadora da sciencia e da civilisação por todos os frugiferos logares por onde se tem alargado o seu ambito — LONGE ET LATE... Veio encher a grande lacuna no desenvolvimento das intelligencias humanas — de não poder multiplicar-se rapidamente e como demanda a precocidade da duração das vidas, e em que se consome a vida d'um homem, ou de muitos, fazendo que isso seja facilmente accessivel á acquisição de todos os que tenham séde de saber e de luz. Tem cumulado o thesouro opulento das sciencias e das lettras, enchendo as estantes de enormes e soberbas bibliothecas, levantadas nos centros onde ellas têm um solio, um

altar, um templo... Tem sido a grande machina da revolução constante, a levar á linha extrema do universo, e de polo a polo, de cumiada a cumiada, transpondo serras e montanhas, a palavra, que significa em laminas de metal, em figuras typicas, em gryphos inflorados, a alma d'um espirito illuminado, a vida d'um cerebro abrazado, o fogo d'um seio incandescente, o ardor d'um peito forte, a historia d'um povo assignalado... Veio a ser a obra laureada do ingenho humano, conquistadora de largos espaços por onde os espiritos, até alli circumscriptos a apertados limites, poderam ir ao longe e ao largo, fecundar-se na riqueza das lettras pela multipla producção dos seus cultores apaixonados e pela reproducção que faz dos productos litterarios esta arte, que a Renascença teve como um potentissimo motor da civilisação moderna.

Tem ella crystallisado a idéa nas suas fórmas typicas, onde ella se revê nitidamente; tem volumisado o pensamento, enchendo enormes massas, em que o prélo o imprime com a profusão dos seus sublimes traductivos, tem perpetuado a palavra em monumentos que ficam para além dos seculos que passam, deixando lêr-se-lhes, na derrota dos tempos, o disco flammejante d'um astro, o diadema d'um soldado, a retina vivissima d'um sabio, a corôa immortal d'um genio... Ella tem universalisado o homem fazendo-o existir em todos os logares, deixando-o falar a todos os povos, e permittindo-lhe ter adoração; ella tem sido a justa desaffronta d'um ridiculo vilipendio, o açoute tenacissimo d'uma crua tyrannia, a vindicação energica d'um ideal sublime, o echo estrondejante da liberdade d'um povo... Veio ella a ser ainda o desabafamento d'um peito cruciado pela dôr espinecente, o espancamento da maleficencia do crime, a explosiva erupção da alma que se expande, a espadanação dos lampejos d'um craneo inflammado, a descerração de conhecimentos occultos em seios profundos, a pregoeira de pujantissimas glorias e soberbos emprehendimentos...

Ella tem, emfim, desvendado a offuscação dos espiritos ensombrados, tem desbaratado o barbarismo infrene, tem moralisado os corações toscos e bruscos, tem incendiado o animo dos povos no fogo da independencia á custa do pensamento d'um homem, muitas vezes, e tem lançado os alicerces á nacionalidade dos mesmos...

Basta! «Satis biberunt prata»... O progresso e a civilisação devem-lhe as suas conquistas e os seus triumphos, graças ao grande e decantado invento.

(Continúa).

PADRE ABEL FREITAS.

RETROSPECTO

Exercicios espirituaes para seculares

No dia 9 do proximo mez de setembro pelas 4 horas da tarde devem principiar os exercicios espirituaes para cavalheiros no Collegio da Santissima Trindade, em Guimarães. Quem desejar tomar parte n'elles, queira dirigir-se quanto antes ao padre Bento José Rodrigues.

Grande peregrinação á Penha

Uma boa noticia, caros leitores: está resolvido, que no dia 8 de setembro, em que a Sancta Egreja commemora o nascimento de Maria Santissima, sahirá d'esta cidade com destino á gruta de Nossa Senhora de Lourdes, na pittoresca serra de Sancta Catharina, uma imponentissima peregrinação catholica, que será uma grandiosa manifestação de crença, uma homenagem devida á Rainha do céo e da terra, o ultimo brado de jubilo, que sentiram os catholicos portuguezes n'este anno, que é o 50.º da fundação do Apostolado da Oração, em Portugal.

O dignissimo director central do Apostolado, reverendo snr. padre Bento José Rodrigues, a pedido de diversos cavalheiros, pertencentes a todas as classes vimaranenses, promoveu uma reunião n'um dos salões das aulas de S. Francisco, afim de se levar a cabo essa piedosa romagem, que se iniciou no anno transacto. S. rev.ma, com a proficiencia, que todos lhe reconhecem, dissertou admiravelmente ácerca da necessidade d'estas manifestações. Além das razões de conveniencia d'esta manifestação de amor a Maria Santissima, disse s. rev.ma, ha a necessidade das peregrinações catholicas, para fomentação do espirito christão. O nosso povo é bom, é crente; quer expandir os seus sentimentos catholicos, quer manifestar a sua fé, mas precisa para isso de iniciativa. Além d'esta tendencia do bom povo portuguez, ha tambem a auctoridade do Papa, que recommenda muito as peregrinações á capital do mundo catholico; como, porém, nem todos podem fazer essa viagem por longa e dispendiosa; como não raro surgem os embaraços com que as seitas inimigas de Jesus Christo e da sua Egreja procuram impedir as peregrinações a Roma, recommenda o Summo Pontifice que estas manifestações publicas de fé se façam por todo o orbe. É justo, pois, que todos os annos vamos fazer essa piedosa visita á Immaculada; este anno, porém, com mais razão; pois é o 50.º da fundação do Apostolado, do qual partiu a iniciativa d'esta peregrinação á Penha.

A palavra eloquente do benemerito jesuita, padre Bento Rodrigues, enthusiasmou os assistentes e animou-os mais a trabalhar com todas as suas forças para o bom exito da peregrinação.

*

Na grande peregrinação tomarão parte os centros do Apostolado, congregações das Filhas de Maria, de Maria Immaculada e S. Luiz Gonzaga, grupos clerical, academico, commercial e industrial, e todos os fieis, que quizerem tomar parte n'esta manifestação de amor a Maria Santissima e devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Mandou-se cunhar uma medalha, que será o distinctivo de todos os peregrinos. Haverá nos dias 5, 6 e 7 de setembro confessores para ouvir os fieis, em varios templos d'esta cidade; no dia 8, pelas 4 horas da manhã, missas nas egrejas de S. Pedro, S. Domingos, S. Paio e S. Francisco. A peregrinação sahirá da basilica de S. Pedro ás 6 horas da manhã, em direcção á Penha, onde, uma hora depois da chegada, haverá missa na gruta de N. S. de Lourdes, sermão pelo sabio e apostolico orador sagrado, rev.mo padre Bento José Rodrigues, benção papal com indulgencia plenaria, em fórma de jubileu e ladainha. De tarde procissão do SS. Sacramento, que, sahindo da gruta-ermida, irá em direcção á gruta de N. S. de Lourdes, em cujo altar se exporá o Santissimo, emquanto se entôa um solemne Te-Deum.

*

Parece-nos, que esta peregrinação será uma das mais imponentes manifestações catholicas, que se tem feito em Guimarães, pois que é grande o enthusiasmo, que reina em todos os catholicos vimaranenses, e ha tudo a esperar dos individuos, que constituem a grande commissão executiva e que são os seguintes senhores:

Presidente, padre Bento Rodrigues, director central do Apostolado da Oração em Portugal; vice-presidente, padre Francisco A. P. de Lima, director diocesano e local do Apostolado, no circulo de Guimarães; 1.º secretario, padre Gaspar da C. Roriz, commissario da V. O. T. de S. Francisco e redactor do *Progresso Catholico;* 2.º secretario, José M. Leite, capitalista e industrial; thesoureiro, José Joaquim da S. Guimarães, proprietario; vogaes: dr. Manoel de J. Pimenta, vice-reitor do Seminario; commendador Luiz J. Fernandes, Fran-

cisco J. da C. Magalhães, negociante, padre Joaquim M. Pereira, commendador Manoel J. Teixeira, padre João A. Ribeiro Junior, prefeito do Seminario e presidente da Congregação de Maria Immaculada, Manoel M. Fructuoso, escriptor, padre Antonio Augusto Monteiro, vigario do culto da V. O. T. de S. Francisco; Manoel Luiz Carreira, industrial, padre Francisco A. S. Brandão, Luiz José G. Basto, negociante, padre Damião d'Araujo, presidente da congregação de S. Luiz Gonzaga, padre Francisco R. Lageira, capellão da irmandade do Rosario, Jeronymo A. Felix, negociante e industrial, Manoel Joaquim d'Oliveira Basto, negociante, Antonio G. Pereira, terceiranista de theologia, Manoel F. Ramos, primeiranista de theologia, José F. Ramos, estudante, Luiz Gonzaga Pereira, idem, Manoel da C. Roriz, idem, José F. Leite, idem, Arnaldo Alves, professor, José Teixeira de Carvalho, industrial, Domingos J. da Silva, minorista, Joaquim A. F. Leite, proprietario, Antonio R. Varandas, industrial.

Além d'esta ha tambem uma commissão de senhoras piedosas e pertencentes ás mais distinctas familias d'esta cidade, e a dos empregados do commercio, composta dos snrs.: Antonio F. d'Oliveira, Antonio B. Ramos d'Azevedo, Francisco Pereira Simões, João Pereira Mendes, Manoel J. Vieira, Alfredo J. L. Guimarães, Antonio T. Bastos.

Catholicos, á Penha!

Não nos envergonhemos de patentear bem publicamente as nossas crenças nas verdades catholicas, a nossa devoção ao Sagrado Coração de Jesus, e o nosso amor a Maria Santissima!

Unamo-nos todos e vamos em piedosa romagem pedir áquella que é omnipotente junto do Todo Poderoso, que conceda melhores dias á nossa querida patria e a cada um de nós força e graça para seguir a linha recta do dever.

Á Penha! á Penha! e a Virgem Mãe attenderá as nossas supplicas.

*

Agora entremos no Asylo de Sancta Estephania. É uma das instituições mais sympathicas de Guimarães.

Tem por fim sustentar e educar as creancinhas, a quem a morte arrebatou o pae e a mãe. É um asylo de orphãos. Dirigido pelas benemeritas Irmãs da Missão (S. José), esta casa de caridade tem progredido bastante nos ultimos annos, quer na parte material, pois nota-se grande asseio e limpeza em todas as dependencias do edificio e uma apparencia de saude em todos os internados, quer na parte espiritual, pois ha ali a educação religiosa e o amor maternal que as piedosas directoras consagram aos pequeninos orphãos. É merecedora de todo o elogio a digna direcção do Asylo de Sancta Estephania pelos esforços, que emprega para o progresso d'esta instituição, que (diga-se de passagem) é digna de mais attenção por parte das almas caridosas, pois parece um milagre a sustentação de tantas creanças, com os poucos recursos, que ha; e seja-nos licito especialisar tres nomes, que representam os maiores benemeritos do Asylo de Sancta Estephania. São elles os exc.^{mos} snrs. conde de Margaride, barão de Pombeiro e José Joaquim da Silva Guimarães.

Veio a proposito esta referencia, porque no dia 5 d'agosto houve no Asylo, a que nos vimos referindo, uma *festa infantil*, para a qual fomos convidado (favor que muito agradecemos) e a que assistimos gostosamente. Ás 4 horas da tarde o amplo salão, em que se realisava a festa, estava litteralmente cheio, vendo-se ali as mais distinctas familias d'esta cidade. O programma, que abaixo transcrevemos, foi rigorosamente cumprido e applaudido em todas as suas partes. Houve, porém, uma addição, que chegou a enthusiasmar todos os assistentes: a menina Maria Adelaide, neta do nosso respeitavel amigo, snr. José Joaquim de Lemos, que nos intervallos se patenteou pianista eximia, apesar da sua pouca idade, convidou a exc.^{ma} filha dos nobres condes de Margaride a assentar-se ao piano. S. exc.^{a}, dotada d'uma fina educação e d'um coração bondoso, accedeu ao convite, subindo ao pequenino palco, coberta de applausos geraes e fazendo ouvir um trecho de difficil execução, no fim do qual retumbaram as palmas e os bravos — palmas á artista distinctissima e bravos á generosa senhora, que quiz assim contribuir para o esplendor d'uma festa na casa que é o objecto de todas as solicitudes de seu extremoso pae. Segue o programma:

La petite écolière — Chant français

Bolero fanfare (musica a 4 mãos), por Maria Adelaide e Ultelinda.

As bohemias (peça em dois actos), por Maria de Jesus, Lydia, Ultelinda, Sousa Roriz, Maria Virginia Rita, Anna, Beatriz, Adelaide, Guilhermina Josepha, Elisa, Maria do Carmo, Candida e Alzira.

Rêve d'un ange (musica), por Ultelinda.

Em familia (poesia), por Maria d'Oliveira.

Le bouquet de fleurs (français), por Ultelinda, Maria Virginia, Rita e Anna.

Sobre o Tejo (musica), por Maria Adelaide.

A priminha (monologo), por Beatriz Meirelles.

As estrellas (poesia), por Beatriz Amaral.

José (peça), por Magdaleine, Maria Virginia, Maria de Jesus d'Oliveira, Maria de Jesus Sousa, Sousa Roriz, Lydia, Ultelinda, Maria da Gloria, Maria do Carmo, Alzira, Amelia Martins, Conceição Bacellar, Rita, Beatriz Meirelles e Candida.

Séduisante (musica), por Maria Adelaide.

As missionarias (discurso), por Emilia da Graça.

Primavera (poesia), por Virginia d'Oliveira.

As azas brancas, por Elvira Bastos.

Papá, maman (compliment), por Virginia Baptista.

Othellosito (comedia em 1 acto), por Magdaleine e Rita.

Polka (musica), por Ultelinda.

Hymno do estudo

*

E visto que tratamos de *festa infantil*, não podemos deixar de noticiar aos leitores a grande festa, que se realisou no acreditadissimo collegio de S. Fiel, a que assistiram para cima de mil pessoas. Este collegio foi frequentado no anno lectivo findo por 150 alumnos, que fizeram 230 exames, ficando 20 distinctos e apenas 6 adiados.

No dia 1.° d'agosto realisou-se ali a solemne distribuição de premios, com uma academia poetica. O programma foi o seguinte:

Mefistofles, de Arrigo Boito, executada pela banda dos alumnos.

Discurso **Religião e patria**, pelo snr. Antonio Manoel Pereira Ribeiro. — **Oberon**, de Weber, phantasia para piano a 4 mãos. — Distribuição dos premios de comportamento. — Introducção do 2.° acto do **Ernani**, de G. Verdi, a grande côro. — Distribuição dos premios de instrucção religiosa. — Quinteto **Roberto il Diavolo**, de Meyerbeer. — Poesia **O caracter religioso do centenario henriquino no Porto**, pelo snr. João José de Miranda. — Distribuição dos premios do 5.° e 6.° annos do curso dos lyceus. — Mozaico da **Carmen**, de Bizet, executado pela banda dos alumnos. — Poesia **A peregrinação ao Sameiro em Braga**, recitada pelo snr. Joaquim Alves de Sousa Rodrigues. — Distribuição dos premios do 3.° e 4.° annos do curso dos lyceus.

Intervallo, em que a banda dos alumnos executou uma phantasia para sexaphone, instrumentação de J. U. Escoto.

Poesia **As festas da Rainha Sancta em Coimbra**, pelo snr. José Maria de Castro Botelho Torrozão. — Distribuição dos premios do 1.° e 2.° annos do curso dos lyceus. — Quarteto de **Ruy Blas**, de Mendelssohn. — **A grande procissão em Lisboa**, poesia recitada pelo snr. Antonio Dama Môra. — Distribuição dos premios de ensino preliminar e primario. — **Festa de Ballo**, de G. Verdi, a grande côro. — Premios de musica. — Agradecimento e despedida, dialogo pelos snrs. Alvaro Gonzaga Correia da Silva, Anto-

nio Eusebio Bonito Maças e José Pinheiro de Azevedo Leite. — Hymno do collegio, de Escoto, pela banda dos alumnos.

*

Temos em nosso poder o discurso *Religião e Patria*, que publicaremos nos proximos numeros d'*O Progresso Catholico*.

*

No collegio do Espirito Sancto, em Braga, houve tambem um resultado brilhante, como se póde vêr dos seguintes numeros: approvados — 258; distinctos — 22, e adiados — 19; total — 277.

O Seminario Apostolico, annexo a este collegio em 1872, que tem por fim formar missionarios para a evangelisação das almas mais abandonadas, principalmente da raça preta da Africa, nas colonias portuguezas, vai ser transferido no principio do proximo anno lectivo, para o edificio, onde esteve o Collegio da Formiga, generosamente cedido pelo benemerito dr. José Rodrigues Cosgaya.

O acreditadissimo Collegio de S. Damazo, de Guimarães, vai tambem na vanguarda dos outros estabelecimentos scientificos do paiz.

Os seus alumnos fizeram 127 exames, ficando 109 approvados, 12 distinctos e apenas 6 adiados.

*

Os collegios, de que acima fizemos menção, têm por directores e professores jesuitas e padres exemplares. É assim que elles respondem aos *illuminados*, que fizeram monopolio da sciencia, acoimando de ignorantes todos aquelles que, a par da instrucção, subministram aos seus alumnos a educação verdadeiramente christã.

*

Tivemos o prazer de abraçar n'esta cidade os nossos prezados amigos e bondosos assignantes, snrs. Albano Bellino, de Braga, e padre Joaquim Marcellino Fontoura, de Chaves.

R.

ANNUNCIOS

AS BEMAVENTURANÇAS

OU A

SCIENCIA DA FELICIDADE

POR

MADAME BOURDON

Preço..... 200 reis

HISTORIA DA APPARIÇÃO

DE

Nossa Senhora de Salete

COM VIA-SACRA E NOVENA

Preço. 60 reis

VIDA DO VENERAVEL

P.e FRANCISCO MARIA LIBERMANN

FUNDADOR

DA

Congregação do Espirito Sancto e do Immaculado Coração de Maria

Preço. 500 reis

PERFIDIA DO DEMAGÓGO

Scenas tragicas da revolução franceza

VERSÃO

DE

MATTOS FERREIRA

Preço. 300 reis

O PRISIONEIRO

OU

RAUL DE MONTE SAINT-JEAN

EPISODIOS DAS CRUZADAS

Preços:

Brochado..... **160** reis
Encadernado em percalina..... **300** »

Á venda na administração do Progresso Catholico.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis — Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente
Provincias ultramarinas e paizes da União geral dos correios, 1$000 reis — Estados da India, China e America, 1$280 reis (moeda portugueza)
Numero avulso 100 reis. — Edição de papel de luxo, mais 200 reis

As assignaturas são pagas adiantadamente, por um anno

REDACTOR

Padre Gaspar da Costa Roriz, Commissario da Ordem Terceira de S. Francisco

ADMINISTRADOR

Simão Neves

Redacção e administração — Rua Nova de Santo Antonio n.os 55 a 59 — GUIMARÃES

Porto: 1894 — Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, rua da Cancella Velha, 70